

Os sufixos verbalizadores –ear e –ejar

Solange Mendes Oliveira¹

¹Pós-graduação em Lingüística – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

smoliveira18@hotmail.com

Resumo. Neste estudo, descrevem-se e analisam-se as peculiaridades dos sufixos verbalizadores –ear e –ejar, com o objetivo de formalizar o conjunto de restrições e propriedades que devem ter as bases a que os afixos em questão se adjungem. A adjunção dos sufixos –ear e –ejar às bases nominais forma verbos derivados, como golpear, bombardear, gotejar, lacrimejar etc.; entretanto, esta adjunção não ocorre de forma aleatória, pois temos, por exemplo, esfaquear, e não *esfaquejar, assim como gaguejar, e não *gaguear. Sendo assim, explora-se a hipótese de que nas formações derivadas há restrições de cunho semântico-aspectual impostas pelas raízes aos afixos, que vão permitir ora a adjunção da base nominal ao sufixo verbalizador –ear, ora ao sufixo verbalizador –ejar. Para descrever e analisar as formações derivadas, o estudo fundamenta-se no arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1993; Marantz 1996, 1997; Halle 2000; Embick 2000; Embick e Noyer 2004, Arad 1998). Os dados que constituem o corpus foram coletados em fontes diversas, como: Dicionário Aurélio Eletrônico (2004); Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001); jornais e revistas de grande circulação, como Folha de S. Paulo, O Estado de São Paulo e revista Veja. Para esclarecer o procedimento metodológico, as palavras são analisadas sob o ponto de vista sincrônico.

Palavras-chave: sufixos –ear e –ejar; restrições semântico-aspectuais; Morfologia Distribuída

Abstract. In this study, the peculiarities of the verbalizer suffixes -ear and -ejar are described and analyzed in order to formalize the set of restrictions and properties required from the bases to which the morphemes in question are attached. The adjunction of the suffixes -ear and -ejar to the nominal bases forms derivative verbs, such as golpear, bombardear, gotejar, lacrimejar etc.; however, this adjunction doesn't happen at random, because we have esfaquear, for example, and not *esfaquejar, as well as gaguejar and not *gaguear. Thus, we explore the hypothesis that, in derivative formations, there are semantic-aspectual restrictions imposed to affixes by the roots which will permit in one moment the adjunction of the nominal base to the verbalizer suffix -ear, and in the next to the verbalizer suffix -ejar. In order to describe and analyze the derivative formations, this study is supported by the theoretical background provided by Distributed Morphology (Halle and Marantz 1993; Marantz 1996, 1997; Halle 2000; Embick 2000; Embick and Noyer 2004, Arad 1998). The data that forms the corpus were collected on several sources, such as: Dicionário Aurélio Eletrônico (2004); Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001); newspapers and magazines currently

in circulation, such as Folha de S. Paulo, O Estado de São Paulo and Veja magazine. In order to clarify the methodological procedure, the words are analyzed under the synchronic point of view.

Keywords: suffixes *-ear* and *-ejar*; semantic-aspectual restrictions; Distributed Morphology

1. Introdução

A adjunção dos sufixos *-ear* e *ejar* às bases nominais e adjetivais forma verbos derivados, como *golpe/golpear*; *bombardeio/ bombardear*; *gota/gotejar*; *lágrima/lacrimejar* etc; entretanto, essa adjunção não ocorre de forma aleatória, pois temos, por exemplo, em *faca/esfaquear*, a opção da raiz pelo sufixo verbalizador *-ear*; já em *gago/gaguejar*, temos a opção pelo sufixo *-ejar*. Sendo assim, explora-se a hipótese de que as raízes impõem restrições de cunho semântico-aspectual às formações derivadas, que vão permitir ora a adjunção da base nominal ou adjetival ao sufixo verbalizador *-ear*, ora ao sufixo verbalizador *-ejar*.

O trabalho divide-se em três seções. Primeiramente, delineiam-se os aspectos mais importantes da Morfologia Distribuída que são relevantes para explicar a adjunção dos sufixos em questão a uma raiz; em seguida, apresenta-se uma proposta de análise para explicar a anexação de *-ear* e *-ejar* às diferentes bases nominais e adjetivais; a última seção apresenta as conclusões do trabalho.

2. A Morfologia Distribuída

Na teoria da Morfologia Distribuída (doravante, MD) não há um Léxico, o que faz com que o que era atribuído ao Léxico nas teorias lexicalistas seja distribuído entre outros componentes. Neste quadro teórico, a sintaxe congrega traços que são submetidos a dois outros módulos independentes, a morfologia e a fonologia. Alguns aspectos da formação de palavras surgem de operações sintáticas (*Merge*, *Move*), enquanto outros aspectos são realizados por operações que ocorrem em PF (Embick e Noyer 2004).

Os *morfemas* - unidades que estão sujeitas às operações sintáticas *Merge* e *Move* - são compostos de um complexo de traços gramaticais sintático-semânticos e, dependendo da variedade de traços que eles contêm, são definidos ou como *morfemas abstratos* ou como *Raízes*. Morfemas não têm conteúdo fonológico, que é atribuído *a posteriori* via Inserção de Vocabulário ou *Spell-out* (Halle 2000, p.131). Já as Raízes consistem de representações fonológicas, pois são combinações de sons e significados lexicais específicos das línguas; por isso, podem receber as categorias de nomes, verbos e adjetivos. Os itens do vocabulário são, então, uma relação entre um fragmento fonológico e uma informação sobre onde este fragmento pode ser inserido. A estrutura interna das palavras é, portanto, um produto da sintaxe e de operações (morfológicas e morfológicas) no componente PF (Marantz 1996).

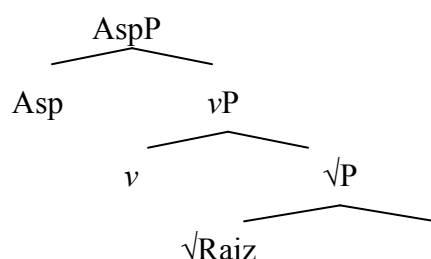
Para a teoria da MD, as categorias sintáticas usuais – nomes, verbos e adjetivos – são categorias morfológicas que emergem durante a derivação somente no contexto de certas projeções funcionais; por exemplo, um nome é uma Raiz em um local relacionado com um núcleo funcional D(eterminante). As Raízes são, portanto, acategoriais e serão categorizadas quando estiverem em um local que se relacione com um dos núcleos funcionais doadores de categoria: nome (*n*), adjetivo (*a*) ou verbo (*v*).

Os núcleos funcionais determinam, então, no ambiente da Raiz, a categoria a que ela pertence. (Marantz 1996, 1997; Embick 2000). Assim, no quadro da MD, a formação de palavras é possível quando a uma raiz ($\sqrt{\quad}$) adjungir-se um afixo derivacional portador de categoria morfossintática.

Segundo Marantz (1997), há um *continuum* entre os significados de morfemas atômicos e palavras derivadas. Sintaticamente, as estruturas derivadas devem ter significados predizíveis a partir dos significados de suas partes e de suas estruturas internas; portanto, as formações derivadas carregam a implicação semântica de sua estrutura interna, ou seja, as categorias semânticas são decorrentes dos ambientes verbais e nominais.

Embick (2000, p.217) igualmente aponta para uma conexão direta entre as propriedades aspectuais que estão implicadas nas formações derivadas e as propriedades da estrutura funcional. Esta configuração sintática está ilustrada em (1):

(1) Estrutura sintática das formações derivadas:



Para Embick, os traços de v dizem respeito à agentividade/causatividade, ou eventividade, ou estatividade. *Asp* contém traços que se referem às propriedades semântico-aspectuais dos morfemas derivacionais. Os núcleos funcionais são identificáveis em termos de seu conteúdo de traços sintático-semânticos e então desempenham um papel definido na realização morfológica da Raiz. Tomados juntos, os dois núcleos funcionais (*Asp* e v) contêm informações aspectuais básicas acerca da agentividade e causatividade, ou eventividade ou estatividade, além de informação aspectual a respeito do status da causação, do evento ou estado.

Em suma, no quadro teórico da MD, as raízes são acategoriais; na sintaxe, são concatenadas (*merged*) com núcleos funcionais abstratos doadores de categoria. No domínio verbal, este núcleo é v (Chomsky, 1995). No ambiente não-verbal, este núcleo é n para os nomes e a para os adjetivos. A realização fonológica destes núcleos doadores de categoria é tipicamente um sufixo derivacional. Se os afixos contiverem traços fonológicos, o radical será derivado. Uma palavra só é concebida como morfológicamente bem formada após o cumprimento da condição de adjunção de um sufixo temático ao radical. No componente morfológico ocorre a operação de Inserção Vocabular, tendo como resultado a inserção da raiz ($\sqrt{\quad}$) e a inserção do afixo derivacional, que é sintaticamente motivado. Um afixo tem, então, um traço de seleção categorial que determina sua inserção em uma estrutura morfológica.

3. Os sufixos verbalizadores *-ear* e *-ejar*

Nesta seção, analisam-se as formações derivadas com *-ear* e *-ejar* com o intuito de sustentar a hipótese de que nessas derivações há restrições semântico-aspectuais por

parte das raízes, que vão permitir ora a adjunção da base nominal ou adjetival ao sufixo verbalizador *-ear*, ora ao sufixo verbalizador *-ejar*.

Para isso, retomemos as proposições teóricas que norteiam este estudo:

- (i) Raízes ($\sqrt{\quad}$) são categorias neutras e somente adquirem categoria morfossintática quando a elas for adicionado um morfema definidor de categoria (Marantz 1996, 1997; Embick 2000);
- (ii) Os morfemas derivacionais têm traços de seleção categorial e são portadores de traços semântico-aspectuais que determinam a forma derivada;
- (iii) As formações derivadas são sensíveis ao aspecto quando este for sintaticamente exposto; logo, em uma formação derivada interagem as propriedades aspectuais da raiz e do morfema derivacional.

Passemos então à análise das formações derivadas com o sufixo verbalizador *-ear*:

3.1 Sufixo *-ear*

Proveniente do sufixo latino *-idiare*, forma modificada do grego *-ízein*, o sufixo *-ear* – (forma apocopada de *-ejar*) forma verbos de bases nominais e adjetivais (Coutinho 1976). Os verbos em *-ear*, derivados de bases nominais e adjetivais que terminam em consoante ou em vogal átona *a*, *e* ou *o*, fazem as três pessoas do singular e a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo respectivamente em *-eio*, *-eias*, *-eia*, *-eiam* (Said Ali 2001): *chicoteio*, *chicoteias*, *chicoteia*, *chicoteiam*.

Observem-se primeiramente alguns exemplos de formações relevantes para a discussão:

(2) Formações derivadas a partir de uma base nominal ou adjetival + o morfema verbalizador *-ear*:

abandear	abrasear	afear	afogear
aformosear	alardear	alhear	apear
arear	arquear	arrear	assear
atear	balear	bambolear	bandear
banquetear	baratear	basear	bloquear
bolear	bombardear	boquear	borboletear
branquear	bronzear	bruxulear	cabecear
cambalear	campear	cartear	cercear
chatear	chicotear	clarear	custear
colear	cornear	desfeitear	embustear
enfranquear	enfrear	enlamear	enlear
enredear	ensombrear	enxamear	escoicear
esfaquear	esfolhear	espacear	espernear
esprear	estear	facetear	faixear
falsear	falsetear	fanfarrear	farrear
favonear	ferretear	folhear	florear
floretear	gaitear	galantear	galhardear
gargalhadear	gargantear	gazetear	golpear
gorjear	grampear	granjear	guerrear

harpear	hastear	idear	lamear
lancetear	lentear	lisonjear	macaquear
macetear	malandrear	maluquear	manear
manusear	mapear	marear	marotear
mastrear	matear	matraquear	menear
mimosear	nomear	nortear	ondear
pagodear	palanquear	palavrear	palestrear
paletear	palhetear	palmear	parasitear
parentear	parlamentear	parolear	parquear
passear	pastorear	patentear	patetear
pavonear	pedantear	pendular	pentear
permeiar	pisotear	pleitear	pontear
prantear	pratear	presentear	purpurear
rarear	rastear	rastrear	ratear
recensear	recrear	regatear	relancear
rodear	saborear	saltear	sanear
sapatear	saquear	saracotear	semear
senhorear	serpear	serpentear	sofrear
sombrear	sortear	titubear	tornear
tourear	trombetear	tutear	vadear
vaguear	veranear	voltear	vozear

Observa-se que as formações verbais derivadas exemplificadas em (2) denotam situações dinâmicas estendidas que duram através do tempo e que exigem um agente; denotam, portanto, situações dinâmicas durativas com [causação externa]. Estes traços são decorrência semântica natural da configuração morfossintática [raiz + morfema verbalizador *-ear*], como em *atear*, *bombardear*, *tourear*, *golpear*, *manusear*, *senhorear*, *saquear* etc. O traço aspectual durativo refere-se a uma dada situação que dura por um certo período de tempo, ou, pelo menos, é concebida para durar um certo período de tempo (Comrie 1976); ou seja, caracteriza-se por apresentar a situação como tendo duração contínua limitada (Travaglia 1994).

Para formar os verbos derivados, o morfema verbalizador *-ear* adjunge-se a substantivos primitivos, como *golpe*, *grampo*, *lama*, *serpente*, *verão* etc., a adjetivos primitivos, como *branco*, *chato*, *claro*, *raro* etc., a alguns adjetivos derivados em *-oso*, como *formoso* e *mimoso*. As derivações formam, em sua maioria, verbos transitivos diretos, como *assear*, *bloquear*, *pastorear*, *baratear*, *custear*, *pisotear* etc., e também verbos intransitivos, como *passear*, *borboletear*, *matear* etc., que denotam situações dinâmicas controladas por agentes e, portanto, com o traço [causação externa]. Há ainda formações derivadas formadas por parassíntese que igualmente denotam [causação externa], como *abandear*, *enfranquear*, *enredear*, *esfaquear*, *abrasear*, *ensombrear*, *enlamear*, *espernear*, *afogear*, *escoicear*.

Algumas derivações, formadas a partir da adjunção do morfema *-ear* a bases adjetivais, são compatíveis com a propriedade semântica [causação interna], como em *branquear*, *clarear*, *chatear* e *purpurear*, como se pode observar em (3), abaixo:

- (3) a. O cabelo de Joana *branqueou*.
b. O dia *clareava*.
c. João *chateou*-se na festa.

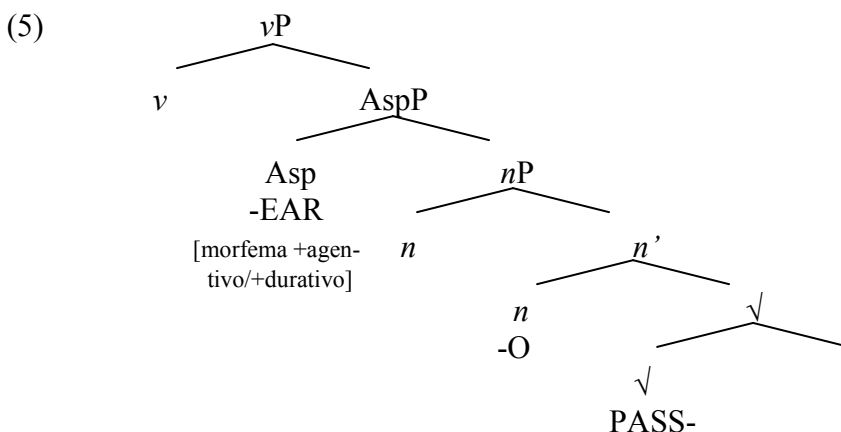
d. Subitamente, seu rosto *purpureou*.

entretanto, esses predicados aceitam uma interpretação agentiva/causativa, como mostram os exemplos em (4):

- (4) a. A geada desta madrugada *branqueou* o pasto.
 b. A água sanitária *clareou* o piso da cozinha.
 c. Aquele lugar monótono o *chateava*.
 d. O sol poente *purpureava* a tarde.

ou seja, as raízes [branc-], [clar-], [chat-] e [purpur-] são subespecificadas quanto ao traço [causação interna/externa].

As formações verbais denominais são produzidas quando se coloca a raiz em um contexto nominal e, este, em um contexto verbal. A interação que se estabelece entre as implicações semânticas da raiz, do morfema nominalizador e do morfema verbalizador *-ear* está representada em (5):



Na derivação, ocorre a interação entre a semântica do componente lexical e do morfema derivacional (Lemle 2000), como exposto abaixo:

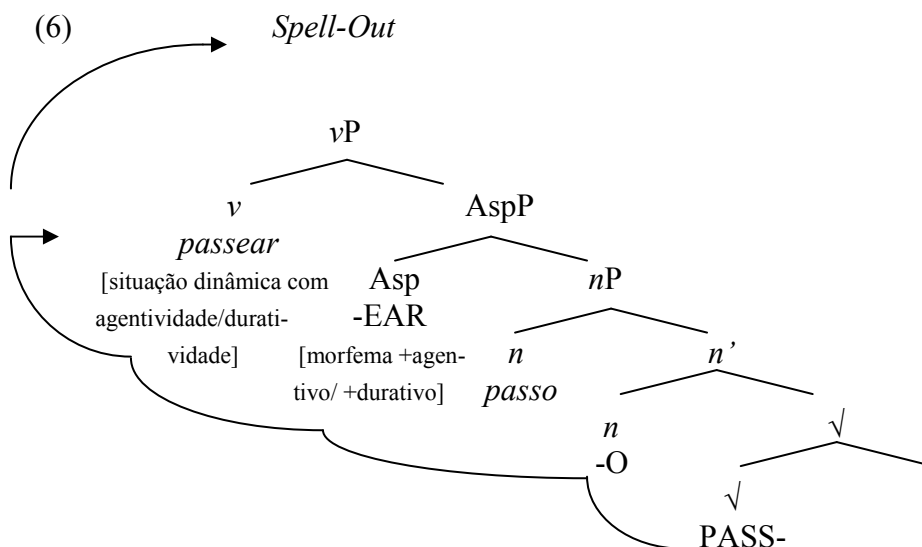
1º) a raiz $\sqrt{\text{PASS-}}$ entra na derivação e é concatenada ao morfema *-O*, inserido no núcleo funcional nominalizador *n*, formando *passo*;

2º) o morfema *-EAR*, inserido no núcleo funcional Asp, carrega o traço semântico-aspectual [+agentivo/+durativo] e é semanticamente compatível com o significado lexical da raiz *passo*, que denota dinamicidade;

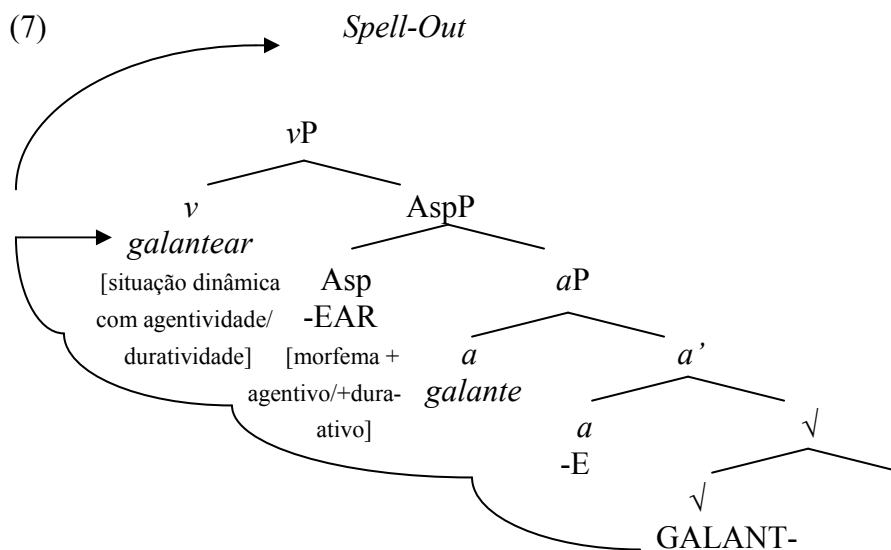
3º) a raiz *passo* concatena-se ao morfema *-ear*, que preenche a sua exigência semântica de agentividade/duratividade;

4º) na parte fonológica da derivação, o núcleo funcional verbalizador *v* atrai a forma [*passo* + *-ear*], que se move para incorporar-se a *v*, formando *passear*, que tem o traço semântico-aspectual [situação dinâmica com agentividade/duratividade].

A derivação, neste ponto, encontra-se como representada em (6):



Já as formações verbais deadjetivais são produzidas quando se coloca a raiz em um ambiente adjetival e, este, em um ambiente verbal. Esta interação está representada no diagrama em (7):



A adunção do morfema *-ear* à base ocorrerá sem alteração morfofonológica se o fonema final da raiz for uma consoante, como em *sabor/saborear*, *flor/florear*, *voz/vozear* etc; entretanto, se o fonema final da raiz for uma vogal átona, ocorrerá assimilação vocálica: *claro/clarear*, *bala/balear*, *barato/baratear*, *falso/falsear*, *sorte/sortear* etc.

Passemos agora à análise de derivações formadas a partir de uma base nominal ou adjetival + o morfema verbalizador *-ejar*.

3.2 Sufixo *-ejar*

Assim como *-ear*, o morfema *-ejar* é proveniente do sufixo latino *-idiare*, forma modificada do grego *-ízein*, e igualmente forma verbos de bases nominais e adjetivais.

Observemos primeiramente as formações derivadas listadas em (8):

(8) Formações derivadas a partir de uma base nominal ou adjetival + o morfema verbalizador *-ejar*:

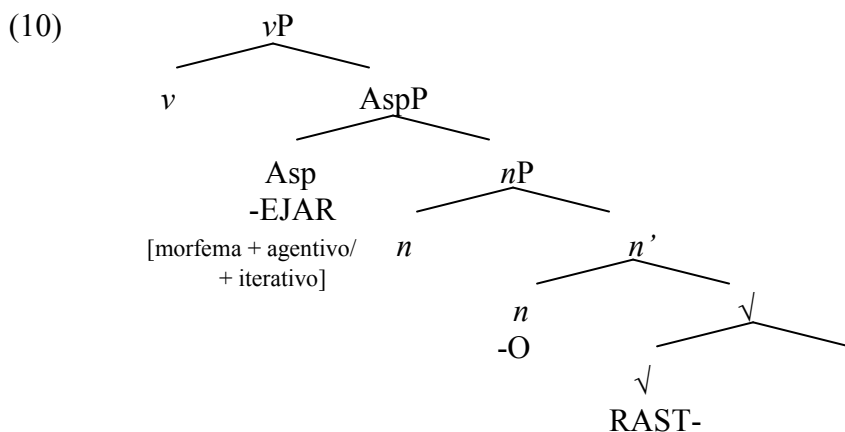
alvejar	amarelejar	apedrejar	arejar
bocejar	boquejar	branquejar	campejar
cobrejar	cortejar	encarvoejar	esbravejar
esquartejar	espacejar	farejar	festejar
forcejar	gaguejar	gargarejar	gotejar
gracejar	harpejar	lacrimejar	larvejar
literatejar	matejar	matracolejar	negrejar
pacejar	padejar	partejar	parturejar
parvoejar	pastejar	pastorejar	penejar
pestandejar	purpurejar	rastejar	sacolejar
serpejar	vaquejar	velejar	verdejar
vicejar	voejar	voltejar	

Analisando as formações derivadas exemplificadas acima, o que se observa é que denotam situações dinâmicas iterativas com a implicação de um agente ou [causação externa]. Estas noções são decorrência semântica do molde morfossintático [raiz + morfema verbalizador *-ejar*], como em *cortejar*, *esquartejar*, *gracejar*, *rastejar*, *gaguejar*, *sacolejar* etc. O traço aspectual iterativo denota uma situação que continua ou que se repete uma série de vezes, (Comrie 1976)

As derivações em *-ejar* formam tanto verbos transitivos diretos, como *cortejar*, *esquartejar*, *alvejar*, *apedrejar*, *festejar* etc., quanto verbos intransitivos, como *bocejar*, *serpejar*, *pestandejar*, *rastejar*, *lacrimejar*, *gaguejar*, *velejar*, *voejar* etc., que denotam situações dinâmicas controladas por agentes e, portanto, com o traço [causação externa]. Algumas derivações formadas a partir de bases adjetivas denotam [causação interna], como *amarelejar*, *branquejar*, *negrejar* e *vicejar*; entretanto, esses predicados admitem uma interpretação agentiva/causativa, como mostram os exemplos em (9):

- (9) a. A doença *amarelejou*-lhe a pele.
- b. A fumaça escura *negrejou* o dia.
- c. A primavera *viceja* os campos e as florestas.

A interação que se estabelece entre as implicações semânticas da raiz, do morfema nominalizador e do morfema verbalizador *-ejar* está representada em (10):



A interação entre a semântica do componente lexical e do morfema derivacional ocorre, na derivação, como exposto abaixo:

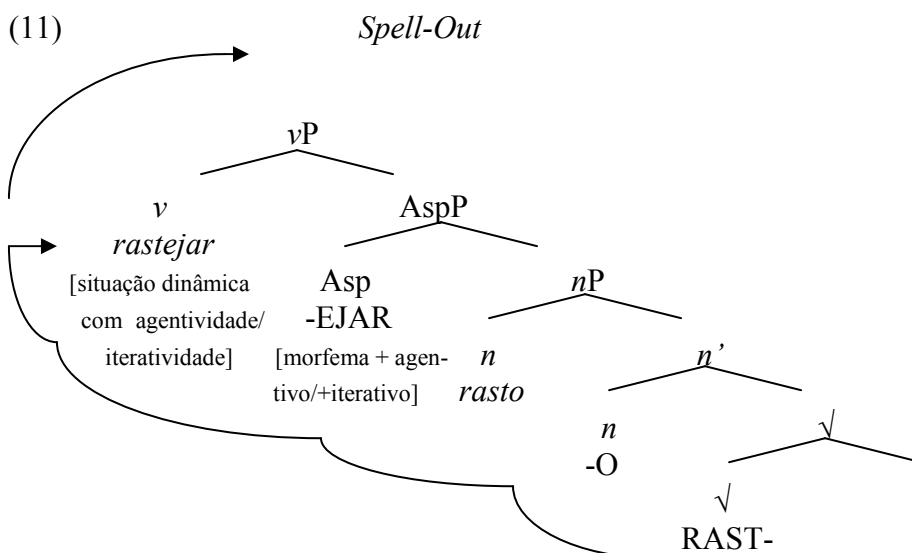
1º) a raiz $\sqrt{\text{RAST-}}$ entra na derivação e é concatenada ao morfema $-\text{O}$, inserido no núcleo funcional nominalizador n , formando *rasto*;

2º) o morfema $-\text{EJAR}$, inserido no núcleo funcional Asp, carrega o traço semântico-aspectual [+agentivo/+iterativo] e é semanticamente compatível com o significado lexical da raiz *rasto*, que denota dinamicidade;

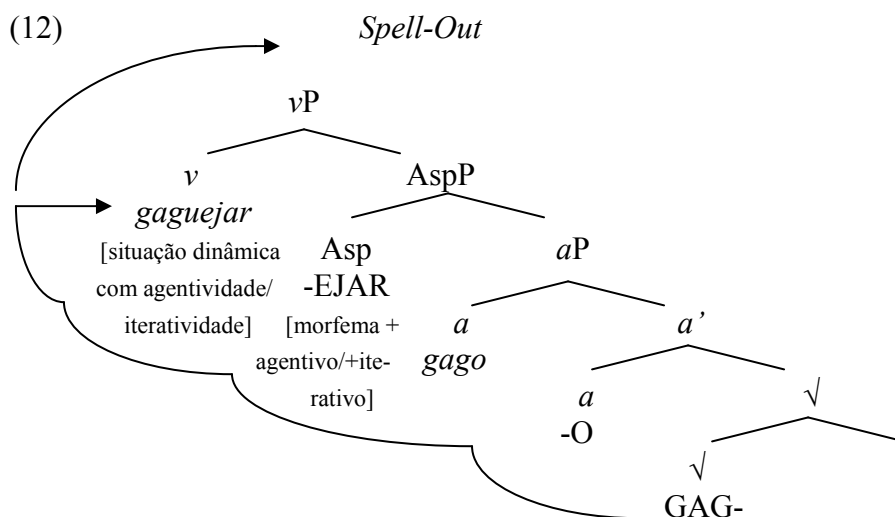
3º) a raiz *rasto* concatena-se ao morfema $-\text{ejar}$, que preenche a sua exigência semântica de agentividade/iteratividade;

4º) na parte fonológica da derivação, o núcleo funcional verbalizador v atrai a forma [*rasto* + $-\text{ejar}$], que se move para incorporar-se a v , formando *rastejar*, que tem o traço semântico-aspectual [situação dinâmica com agentividade/iteratividade].

A derivação, neste ponto, encontra-se como representada em (11):



Já a interação que se estabelece entre as implicações semânticas da raiz, do morfema adjetivador e do morfema verbalizador $-\text{ejar}$ está representada em (12):



Há algumas raízes que se adjungem tanto ao morfema verbalizador *-ear* como a *-ejar*, como *pastor/pastorear/pastorejar*, *purpur-/purpurear/purpurejar*, *branc-/branquear/branquejar*, *harp-/harpear/harpejar*, *camp-/campear/campejar*, *rast-/rastear/rastejar*. Isto se deve ao fato de essas raízes serem semanticamente compatíveis tanto com o traço durativo acrescentado por *-ear* como com o traço iterativo acrescentado por *-ejar*.

As restrições semântico-aspectuais impostas pelas raízes aos morfemas derivacionais é que explicam, portanto, a não-realização de formações como **esfaquejar*, **presentejar*, **lamejar*, **rarejar*, **nomejar*, **custejar* etc., pois há incompatibilidade semântica entre o significado lexical das raízes [fac-], [present-], [lam-], [rar-], [nom-], [cust-] e o traço aspectual iterativo inerente ao morfema derivacional *-ejar*. Da mesma forma, raízes como [alv-], [pestan-], [far-], [gag-], [got-] etc., não se adjungem ao morfema derivacional *-ear* (**alvear*, **pestanear*, **farear*, **gaguear*, **gotear*) porque o significado lexical dessas raízes é semanticamente incompatível com o traço durativo acrescentado por este morfema verbalizador.

Quanto às alterações morfofonológicas, assim como ocorre com o morfema *-ear*, na adjunção do morfema *-ejar* à base ocorrerá assimilação vocálica se o fonema final da raiz for uma vogal átona, como em *graça/gracejar*, *viço/vicejar*, *espaço/espacejar*, *vela/velejar* etc.; mas, se o fonema final da raiz for uma consoante, não ocorrerá alteração morfofonológica: *ar/arejar*, *pastor/pastorejar* etc

4. Considerações finais

A análise das formações derivadas com *-ear* e *-ejar* leva-nos a concluir que:

a) O morfema *-ear* tem inerente o traço aspectual [+durativo] e imprime um conteúdo dinâmico às suas formações derivadas; por isso, as derivações em *-ear* denotam situações dinâmicas que perduram no tempo e que implicam em causa externa ou agente;

b) O morfema *-ejar* tem inerente o traço aspectual [+iterativo] e igualmente imprime um conteúdo dinâmico às suas derivações; assim, suas formações derivadas denotam situações dinâmicas com iteratividade que também implicam em causa externa ou agente;

c) As Raízes, por carregarem significados lexicais específicos, impõem restrições semânticas quando da adjunção a um morfema derivacional que carregue traços aspectuais; logo, nas formações derivadas interagem as propriedades semântico-aspectuais da raiz e do morfema derivacional;

d) A morfologia derivacional deve ser sintática e não lexical, mas sem desobedecer às restrições semântico-aspectuais impostas pelas raízes e pelos morfemas derivacionais.

5. Referências bibliográficas

ARAD, Maya. Are unaccusatives aspectually characterized? In: HARLEY, Heidi (ed.). *Papers from the UPenn/MIT roundtable on argument structure and aspect*. MIT Working Papers in Linguistics. Cambridge: MIT Press, 1998a, v. 32, p. 1-20.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.

- COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. 8 ed., São Paulo: Cultrix, 2001.
- EMBICK, David. Features, syntax and categories in the latin perfect. *In: Linguistic inquiry*. Cambridge, Massachuset: MIT Press, v.31, n.2, p.185-230, 2000.
- EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. *In: RAMCHAND,G.; REISS, C. (ed.). The Oxford handbook of linguistic interfaces*.Oxford: University Press, 2004. p. 1-27.
- FERREIRA, A.B. de H. *Dicionário Aurélio eletrônico*. Curitiba: Positivo, 2004.
- HALLE, Morris. Distributed morphology: impoverishment and fission. *In: Current issues in linguistic theory*. Philadelphia, v.202, p.125-149, 2000.
- _____; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. *In: HALE, Kenneth.; KEYSER, Samuel J. (eds.). The view from building 20: essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Massachuset: MIT Press, cap. 3, p. 111-176, 1993.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEMLE, Miriam. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. *In: Revista Letras*, Curitiba, n.58, p.279-324, jul/dez. 2002. Ed. da UFPR.
- MARANTZ, Alec. 'Cat' as a phrasal idiom: consequences of late insertion in distributed morphology. Cambridge, Massachuset: MIT Press, 1996. Manuscrito.
- _____. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. et al. (eds.). University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*. Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, v.4, n.2, p. 201-225, 1997.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8 ed. rev. e atual. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2001.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português*. Uberlândia; UFU, 1994.